

APRENDER E ENSINAR SÃO PROCESSOS PERMANENTES, TANTO PARA O PROFESSOR QUANTO PARA O ALUNO

LEARNING AND TEACHING ARE PERMANENT PROCESSES FOR TEACHERS AND STUDENTS

Fabiene Cortijo SALUN¹
Maria Cecília Ballaben STEGUN²
Fundação Síndrome de Down³

RESUMO

Com base nos estudos teóricos de Piaget, Vygotsky, Wallon, Grossi, Teberosky e GEEMPA - Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação de Porto Alegre/RS, entre outros, os profissionais da Fundação Síndrome de Down, em Campinas/SP, realizam desde de 1994 uma extensa pesquisa teórica e empírica sobre como os seus alunos, com síndrome de Down, aprendem a escrever. Especificamente é esse assunto que trataremos no presente texto sobre a psicogênese da língua escrita e o papel do educador nesse processo de construção pela criança. Salientamos entretanto no decorrer do artigo, a importância do aprofundamento teórico, pelo educador principalmente no que diz respeito às teorias que deram embasamento à psicogênese que descreveremos no texto. Conhecer e compreender mais à fundo conceitos de Vygotsky, Wallon e Piaget tornam-se imprescindíveis para que a didática baseada na descrição dos níveis da psicogênese não se torne uma técnica vazia de significados. O texto irá abordar ainda algumas reflexões sobre a inclusão social e o processo de aprendizagem dos alunos dentro Construtivismo-Vygotskiano.

Palavras-chave: Alfabetização; Papel do educador; Aprendizagem; Síndrome de Down.

ABSTRACT

Based on studies of authors such as Piaget, Vygotsky, Wallon, Grossi, Teberosky and GEEMPA (study group of education, methodology and research Porto Alegre - RS), among others, the Down

⁽¹⁾ Fabiene C. Salun é pedagoga formada pela PUC-Campinas, Pedagoga do setor escolar e membro da equipe responsável pelo Projeto Inclusão da Fundação Síndrome de Down - Campinas/SP;

⁽²⁾ Maria Cecília B. Stegun é pedagoga formada pela UNICAMP, mestranda em Psicologia da Educação pela FE-UNICAMP, coordenadora do setor escolar da Fundação Síndrome de Down - Campinas/SP

⁽³⁾ Fundação Síndrome de Down é uma instituição particular sem fins lucrativos, que oferece assessoria especializada à crianças e jovens com Síndrome de Down, bem como as suas famílias, escolas e empresas, sempre visando a inclusão social e a construção de uma escola aberta à diversidade com ensino de qualidade para todas as crianças.

Syndrome professionals developed since 1994 theoretical and practical research about learning and reading processes of Down Syndrome students. This article discusses several issues: children's writing processes and teacher strategies related to their theoretical approaches (especially those theories discussed in this text). Concepts of Vygotsky, Wallon and Piaget are essential to understanding the process of construction of reading and writing. We also include references about social inclusion and children's learning processes within the theoretical frameworks of Piaget and Vygotsky.

Key words: Literacy; Education; Learning processes; Down Syndrome.

Nos últimos anos, têm surgido muitos estudos e debates em torno de uma educação para o século XXI.

Autores como Perrenoud (1999, 1999b, 2000), Vergnaud (1990), Sastre & Moreno (1999), entre outros, muito têm contribuído com essa educação para a nova era, cujo objetivo visa uma educação que busca respeitar e compreender a diversidade humana, e que assim, inegavelmente, segue os princípios da inclusão social. Assuntos como a construção de competências, campos conceituais e temas transversais em educação são, dessa forma, assuntos da atualidade, imprescindíveis na prática pedagógica do educador.

Entretanto, tão importante quanto tais temas é, ainda e sempre, o conhecimento do desenvolvimento humano, o conhecimento sobre como a criança pensa, e sobre como os conceitos são construídos. É assim que se torna também fundamental ao educador o estudo de teorias que apoiem e subsidiem a prática do dia a dia.

É especificamente sobre esse assunto que trataremos no presente texto: a psicogênese da língua escrita e o papel do educador nesse processo de construção pela criança. Nesse sentido, é fundamental destacar os estudos de Ferreiro & Teberosky (1991) que, a partir da teoria construtivista de Jean Piaget, descreveram como as crianças constroem a escrita e, com isso, trouxeram à luz imensas contribuições aos educadores envolvidos no processo de alfabetização de nossas crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, um grupo de estudos brasileiro também merece destaque: o GEEMPA - Grupo de Estudos sobre Educação,

Metodologia de Pesquisa e Ação de Porto Alegre/RS - cujos trabalhos têm procurado contribuir para a melhoria da qualidade do ensino em nosso país. O GEEMPA traz reflexões que complementam a teoria de Ferreiro e Teberosky. Na verdade, há um detalhamento sobre as mais recentes descobertas do processo de pensamento expresso pelas crianças (e também adultos analfabetos), ao construírem sua linguagem escrita.

Com fundamentos na teoria construtivista de Piaget, o GEEMPA também revisita os conceitos das teorias de Vygotsky e Wallon, associados ainda a um conjunto de conceitos da psicanálise, da antropologia, da sociologia e da filosofia contemporânea, a fim de explicitar os fenômenos da aprendizagem.

Com base nesses estudos, os profissionais da Fundação Síndrome de Down, em Campinas, realizam, desde de 1994, uma extensa pesquisa teórica e empírica sobre como os seus alunos, com síndrome de Down, aprendem a escrever. Perguntas estavam sempre presentes: Poderiam todos ser alfabetizados? Passariam eles pelas mesmas etapas descritas por Ferreiro, Teberosky e GEEMPA? Adaptações seriam necessárias? Como viabilizar uma aprendizagem que fosse mais rápida e ao mesmo tempo eficaz?

Foi então, a partir de muitos estudos e reflexões com a equipe sobre esses aspectos, que hoje a nossa grande tarefa não é só a de ensinar conceitos sistematicamente organizados, mas fazer com que tais conceitos se relacionem entre si, relacionem-se com os aspectos da vida dos alunos e, sobretudo, respeitem e celebrem a diversidade humana a

partir da heterogeneidade existente nas salas de aula.

Nesta direção, é importante salientar que para aceitar o saber, o conhecer, o aprender é fundamental desejar esse saber, e cabe ao educador um papel importante no despertar desse desejo em seus alunos.

Para que esse trabalho seja efetivamente de qualidade, é fundamental contarmos também com profissionais de outras áreas, atuando interdisciplinarmente, cada qual com seus objetivos específicos, mas sempre visando o desenvolvimento do ser humano como um todo. Desta forma, as diferentes áreas de conhecimento se completam e possibilitam o desenvolvimento do aluno em seus diversos aspectos.

Nesse trabalho conjugamos três atribuições primordiais, entre tantas outras aos educadores confiadas:

1. **A Socialização:** fazer da escola o lugar das aprendizagens e do estabelecimento de relações com a vida. O contrato pedagógico no centro das aulas está correlacionado ao contrato social, e socializar é para o aluno integrar normas e valores, condutas de respeito, de responsabilidade, de solidariedade, de cooperação, de visão crítica dos funcionamentos e das relações no interior da comunidade escolar.

2. **O saber e as regras dos alunos:** considerar simultaneamente essas duas questões, significa criar regras nas aulas de maneira que a construção do conhecimento pelo aluno se dê através do conflito, do desafio, do desejo, do mergulho no “caos”, do debate de idéias e do levantamento de hipóteses. Esse vínculo - regra e saber - constitui as duas faces de um ensino preocupado com a educação e sobretudo com a inclusão.

3. **O saber e a vida:** vincular os saberes escolares à vida de cada aluno é função primordial do educador, pois, de nada adianta aprender conteúdos inúteis para a resolução dos problemas

da vida diária. Para isso, é necessário que se tenha muita clareza na análise das potencialidades de cada aluno, bem como nas competências que necessitam ser trabalhadas/construídas, para que todo conteúdo aprendido seja de fato funcionalmente aplicado à vida. Para isso, também, é imprescindível que os conceitos trabalhados, sejam plenos de sentido e significado a cada um, indo ao encontro de seus anseios, desejos e necessidades.

Dentro ainda das atribuições do educador, estão também aspectos que precisam ser pensados, principalmente na elaboração do planejamento pedagógico. São eles:

- a) **Avaliação:** Avaliar é acompanhar cada aluno, no que se refere aos aspectos de socialização, cooperação, independência, alfabetização, matemática e outros;
- b) **Processo de desenvolvimento:** Acompanhar a evolução e desempenho de cada aluno;
- c) **Esquema de pensamento do aluno:** Buscar sempre descobrir e analisar os esquemas de pensamento do aluno, para que possa planejar intervenções no sentido de fazê-lo avançar dentro do campo conceitual da alfabetização;
- d) **Registro:** Registrar e realizar observações sistemáticas do processo de aprendizagem de cada aluno é fundamental para a reflexão da prática pedagógica e para o desenvolvimento do aluno;
- e) **Planejamento individual:** Desenvolver estratégias individuais de intervenção didático-pedagógica, visando o desenvolvimento dos alunos na construção de seu conhecimento e, sobretudo, propiciando condições para que os mesmos trilhem seu processo de aprendizagem de maneira independente e autônoma;
- f) **Formação continuada:** Para que o trabalho seja possível e realizado com

responsabilidade e qualidade, é fundamental a capacitação e reciclagem constante do educador.

Todo trabalho de qualidade, requer um planejamento, cujos princípios básicos precisam ser refletidos. Para nós, o planejamento é um momento singular em que o professor, dispendo da leitura que fez de seu grupo e do processo de aprendizagem de cada aluno, procura antever e organizar sua ação didática nas diversas áreas do conhecimento.

A seguir, citaremos algumas considerações que nos servem de fios condutores na elaboração do planejamento pedagógico:

1. A inteligência é um processo;
2. Todas as pessoas têm um potencial para aprendizagem;
3. Aprende-se interagindo com o objeto do conhecimento;
4. Aprende-se na relação com o outro;
5. Aprende-se colocando em relações os diferentes conhecimentos construídos, pois a aprendizagem nada mais é do que o estabelecimento de relações;
6. Aprende-se mergulhando no campo conceitual de cada conteúdo que tenha relação direta com as vivências proporcionadas pelo ambiente cultural em que está imerso o aluno;
7. O Professor tem o papel de mediador;
8. Aprende-se resolvendo problemas;
9. O professor está também envolvido na aprendizagem, pois acreditamos que só ensina quem aprende;
10. O erro permite ao educador detectar o esquema de pensamento do aluno e planejar a sua intervenção didática para fazê-lo avançar e levantar novas hipóteses.

É com base nesse trabalho que descreveremos, a seguir, os níveis da psicogênese, segundo os últimos estudos do

GEEMPA, ressaltando que, com exceção do nível Alfabetizado 3 e do período de Ortografização, todos os níveis anteriores foram detectados em nossos alunos, constatando mais uma vez que as pessoas com síndrome de Down, de modo geral, passam pelos mesmos caminhos de aprendizagem que as crianças ditas “normais”, não necessitando, assim, de métodos “especiais” de ensino, mas sim de um educador que de fato compreenda o desenvolvimento humano e saiba aplicar seus conhecimentos no processo de ensino aprendizagem de qualquer criança.

Revisitando conceitos

A Psicogênese estuda a construção do conhecimento nos níveis de desenvolvimento e nos níveis dos esquemas de pensamento que o indivíduo apresenta, tendo um caráter evolucionista; as representações mentais e/ou estruturas vão surgindo e se desenvolvendo, sem limite final, podendo ser comparadas a uma espiral.

Psicogênese: *GÊNESE* = Origem *PSIQUÊ* = Mente. Estudo da origem da mente, do pensamento, ou ainda estudo do processo de conhecimento.

Piaget delineou as linhas gerais da Psicogênese: na matemática, na ciências, na linguagem e na moral, etc, enquanto que Emília Ferreiro deu a sua contribuição na Psicogênese da alfabetização, ou seja, sobre a construção da leitura e da escrita.

A seguir, um quadro comparativo que demonstra as novas descobertas a respeito da Psicogênese da alfabetização, a partir dos estudos de Emília Ferreiro.

Níveis da Psicogênese

Um nível psicogenético se caracteriza como uma fase de relativa estabilidade cognitiva para o aluno. As hipóteses que ele construiu para

Níveis da Psicogênese segundo Emília Ferreiro											
Pré-silábico			Silábico			Alfabético					
Níveis da Psicogênese segundo GEEMPA											
Pré-silábico			I2	Silábico		I3	Alfabético			Alfabetizado	
PS1	L1	PS2		Ss/c	Sc/c		SA	A	A1	A2	A3

explicar a realidade o satisfazem porque ele ainda não teve oportunidade de se deparar com uma variedade de *situações - problema* que lhe fossem significativas e que lhe demandassem um saber que, por enquanto, ele próprio não sabe que não possui.

E os níveis intermediários?

“Mas então não era como eu pensava?”

Quer dizer que eu estava errado?”

Então eu não sei nada afinal?”

“O que eu acho que sabia não me vale de nada!”

Dentre os grandes patamares dos níveis, encontramos também os chamados níveis intermediários. São neles que os alunos confrontam-se com uma ampla gama de problemas que não sabem ainda como resolver e que desejam ou precisam solucionar. Inicialmente, um problema coloca o aluno em uma condição conflitiva e de muitos desafios.

Esses níveis representam a maneira de passar de um nível de menor a outro de maior complexidade. Isto é, eles são momentos das rupturas das relações entre os diversos elementos que sustentaram o pensamento até esse momento. Estar em nível intermediário, significa estar em conflito. Tal conflito é gerado pelo fato do aluno se dar conta da impossibilidade de resolver os problemas que enfrenta na construção e elaboração da sua escrita.

É literalmente a tomada de consciência da incoerência entre suas hipóteses e os dados da realidade.

O aluno aprende resolvendo problemas, problemas da insuficiência das estruturas que sustentam o seu pensamento até um determinado momento. É importante ressaltar que não são as estruturas que determinam a aprendizagem, mas sim a aprendizagem é substancialmente a organização dessas estruturas.

A seguir a explicitação de cada um dos níveis que as crianças passam quando estão imersas no processo de aquisição da escrita:

PRÉ-SILÁBICO 1 (PS1) O ALUNO ESCREVE COM DESENHOS

A escrita é concebida pela criança como um desenho. O aluno encerra aspectos figurativos daquilo que quer representar no papel. Há observações indicativas de que crianças neste nível são capazes de distinguir coisas escritas passíveis de serem lidas, de outras que são puras letras, sem significado. Por exemplo: placas de rua, ou qualquer texto sem nenhum desenho perto são escritos, mas que não se pode ler, porque são vazios de sentido. Aquilo que tem sentido é o desenho, a fotografia, a pintura, isto é, tudo que comporta traços figurativos do que se pensa escrito.

INTERMEDIÁRIO 1 (I1) O ALUNO NÃO ABANDONOU AINDA A HIPÓTESE ANTERIOR E, PORTANTO, MESCLA DESENHOS E SINAIS GRÁFICOS OU LETRAS

Este nível se caracteriza pelo conflito de que não é com desenho que se escreve. O desenho não pode ser decodificado sempre como aquilo que se quis escrever.

PRÉ-SILÁBICO 2 (PS2)
USA PSEUDO-LETRASE OU SINAIS GRÁFICOS
APARENTANDO LETRAS. PODE UTILIZAR AINDA
LETRAS BEM TRAÇADAS

Neste nível, os alunos escrevem com sinais gráficos que não têm mais nada a ver com os traços figurativos daquilo que está escrito, quanto à forma dos sinais gráficos. A escrita da palavra bola não apresenta mais nenhuma semelhança com uma bola. Entretanto, a relação com aspectos da palavra, cujo nome escreve, se faz por outra via. O aluno associa o número de letras ou outros sinais gráficos ao tamanho do que está escrevendo. Por exemplo, uma criança disse que a palavra MÃO de um adulto tem mais letras do que quando se refere à mão de uma criança - que é menor do que aquela.

INTERMEDIÁRIO 2 (I2)
INICIA-SE A CONSERVAÇÃO DA ESCRITA DE
PALAVRAS DISSÍLABAS E O ALUNO PODE OU
NÃO COLOCAR LETRAS INICIAIS

Neste nível, o pensamento do aluno revela o seu conflito com a forma, como ela vinha resolvendo o problema da escrita, isto é, por um aglomerado de sinais gráficos. Ela passa a se dar conta de que essa forma não é válida e isso acontece porque avança na compreensão do sistema da escrita. O aluno acaba por vislumbrar a escrita como um código social estável que, para ela, passa a se vincular mais estreitamente com a leitura do que nos níveis anteriores. A consciência, mesmo que difusa, ainda dá ligação entre pronúncia e escrita - é o fator que deslança a entrada neste nível.

SILÁBICO (S)
PARA CADA SÍLABA O ALUNO ESCRIVE UMA
LETRA (OU SINAL GRÁFICO) COM OU SEM
CONOTAÇÃO SONORA

Neste nível tenta-se uma correspondência entre grafias e sílabas, na concepção de que cada sílaba oral corresponda a uma grafia. Tal concepção pode chocar com outra, que muitas vezes está presente na cabeça dos alunos - a de que para escrever algo são necessárias várias

letras, em geral um número mínimo de três. Realmente o que define o nível silábico é a segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciá-las.

INTERMEDIÁRIO 3 (I3)
O ALUNO CONSERVA A HIPÓTESE ANTERIOR E
ACRESCENTA MAIS LETRAS

Neste nível, o aluno se dá conta de que suas escritas silábicas não resolvem satisfatoriamente a questão da vinculação da pronúncia com a escrita, pois suas escritas não são decodificáveis adequadamente. Sendo assim, ele mantém a escrita silábica e acrescenta mais letras.

SILÁBICO ALFABÉTICO (SA)

Neste nível o aluno apresenta uma escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas. Por exemplo: TLVIZÃO em lugar de televisão; PXE por peixe e GLO por gelo.

Analisando essas produções, significa dizer que o aluno pensa que o T, P e o G não precisam da vogal, a referência é o som da consoante.

ALFABÉTICO (A)
ESCREVE CONFORME FALA E PROCURA
COLOCAR LETRAS QUE CORRESPONDAM

A escrita neste nível se faz com base na correspondência entre fonemas e grafias. A cada som, ou corresponde uma letra, ou corresponde uma combinação de letras (ou até mesmo de grafias não convencionais). O aluno atinge a compreensão de que letras se articulam para formar palavras, o que é um marco decisivo na compreensão do nosso sistema de escrita. Não são características do nível alfabético, entretanto, preocupações ortográficas.

Superar o conflito que permitiu ao aluno deixar de ser Silábico para passar a Alfabético foi

desafiador e bastante conflituoso. Tão ou mais desafiador é superar o conflito que o permitirá passar de Alfabético para Alfabetizado, ou melhor, descobrir e encontrar formas de lidar com o fato de que a escrita não é simplesmente uma transcrição da fala.

Quando o aluno se depara com esta última situação, ele já tem em seu arquivo sobre a língua escrita muito mais elementos do que tinha quando era Silábico. Sabemos que já construiu e levantou inúmeras hipóteses sobre leitura e escrita. De alguma forma, tais hipóteses estão inter-relacionadas, pois não é possível desmembrar essas coisas todas que fazem parte do cotidiano dos usuários da língua escrita.

Nesse processo de construção, nós, educadores, iremos observar aparentes retrocessos nos desempenhos dos alunos, mas não precisamos nos assustar, pois é um caminho absolutamente natural, que faz parte do processo de construção.

Vejamos um exemplo do aluno que está satisfeito com a hipótese Alfabética e literalmente não “enxerga” questões ortográficas. Toda sua energia no tocante à escrita está voltada para a questão *do que escrever* e não *do como*. Por sua vez, um aluno que entra no conflito da passagem do Alfabético para o Alfabetizado 1, pode tornar a escrever grupos de palavras emendadas umas nas outras e deixar de usar o que já sabia de pontuação, por exemplo.

A seguir, comentaremos os níveis alfabetizados. O aluno somente é alfabetizado quando consegue ler e escrever um texto simples, para isso, precisa saber associar letras e sons na ordem de dois terços do nosso alfabeto e, sem dúvida, não perde mais o que conquistou.

ALFABETIZADO 1 (A 1)

Este nível se caracteriza pela hipótese de que a cada vez que se abre a boca para pronunciar uma palavra, escreve-se obrigatoriamente uma consoante e uma vogal - nessa ordem rígida.

Essa hipótese ocorre aos alunos, provavelmente porque a maioria das sílabas da nossa escrita são assim constituídas, mas também pode haver influências - sobretudo para crianças e/ou adultos analfabetos - vindos daquelas metodologias convencionais, com as quais tiveram contatos prévios e que trabalham sucessivamente as famílias silábicas do tipo uma consoante e uma vogal (BA, BE, BI, BO, BU....etc).

A constatação da incompletude desta hipótese marca a passagem para o nível alfabetizado 2.

ALFABETIZADO 2 (A2)

Neste nível o aluno passa a observar que: a) a ordem consoante/vogal - pode ser invertida; e b) às vezes a sílaba tem duas consoantes, ou juntas ou separadas por vogal, como respectivamente em PROFESSORA (PRO) ou em JORNAL (JOR).

O aluno ALFABETIZADO 2, concretiza um super-refinamento da vinculação fonética comparativamente à que foi vislumbrada na hipótese silábica.

ALFABETIZADO 3 (A3)

O aluno constata, neste nível, que há sons que devem ser representados por duas letras. Por exemplo: NH - LH - CH - SS - RR - AN - EN - IN - ON - AM - EM - IM - OM - UM, entre outros.

O aluno realiza tais constatações por *pensamento* e comparações (estabelecimento de relações) e não por *lembrança* ou *memória*. Este é um nível em que o aluno caminha rumo à ortografização.

Dentro dos níveis, há ainda uma análise importante a ser considerada, ou seja, saber situar os períodos que estão intrínsecos aos níveis. Abaixo visualizaremos onde cada nível aparece no processo de alfabetização.

Períodos



Para que possamos entender como esses períodos aparecem em cada um dos níveis, faremos uma breve explicação sobre cada um:

- 1º LOGOGRÁFICO:** Faz parte de uma etapa em que a escrita toma a palavra como um todo, sem nenhuma segmentação.
- 2º FONETIZAÇÃO AMPLA:** o nível silábico é um nível de fonetização ampla, ou talvez melhor definido como de fonetização grosseira. O aluno associa uma só letra para cada sílaba oral.
- 3º FONETIZAÇÃO ABSOLUTA:** O nível alfabético é de fonetização mais fina, mais apurada, mais sutil, mais aguda, em que o aluno consegue se deter de fonema em fonema, buscando representá-lo por escrito.
- 4º FONETIZAÇÃO RELATIVA:** A tomada de consciência da possibilidade de uma escrita para o mesmo som é que constitui as bases de um novo período sociopsicogenético na aprendizagem da língua escrita. A biunivocidade fonética, relativa da língua portuguesa, é que produz este conflito cognitivo como seqüência à hipótese de biunivocidade fonética absoluta formulada anteriormente pelo aluno.

Gostaríamos de ressaltar, que na proposta Construtivista-Vygotskiana não existe uma ordem

linear e fixa em que as coisas têm que ser feitas. Os alunos não aprendem em partes, ou seja, uma coisa depois da outra, do mais fácil ao mais complexo. Pelo contrário, aprendem através do estabelecimento de relações entre tudo que faz parte do que chamamos de campo conceitual da alfabetização.

Mas o que seria isso?

É um conjunto de situações revestidas de sentido aos atos de ler e escrever. Para tanto, os alunos aprendem lendo e escrevendo coisas que façam sentido a sua vida. Para que isso aconteça, é necessário que o professor proponha diariamente atividades que envolvam: letras, palavras e textos. Importante ressaltar que esses três eixos são trabalhados desde os níveis iniciais da psicogênese.

Durante o processo de alfabetização dos alunos, o professor assume um papel desafiador, ou seja, propor situações didáticas que permitam aos alunos pensarem sobre as suas hipóteses; o professor deve estar também muito atento às especificidades do trabalho com letras, palavras e textos. Seus objetivos para os três eixos não são os mesmos para todos os níveis, e vale ressaltar também que todos os três eixos são igualmente importantes.

Por último, mas não menos fundamental, destacamos a importância de um aprofundamento teórico, principalmente no que diz respeito às teorias que deram embasamento à psicogênese

descrita aqui. Conhecer e compreender mais profundamente conceitos de Vygotsky, Wallon e Piaget são imprescindíveis para que a didática, baseada na descrição dos níveis da psicogênese, não se torne uma técnica vazia de significados.

Conceitos como o de interação, mediação, internalização, Zona de Desenvolvimento Real, Proximal e Potencial e, ainda, os trabalhos sobre defectologia de Vygotsky (1988, 1988 a 1989), que demonstram tão bem que os processos de aprendizagem ocorrem no interior das relações sociais e culturais, nos trazem uma luz sobre os momentos adequados de se intervir no processo de ensino, e nos esclarecem sobre o processo de compensação no desenvolvimento dos conceitos de pessoas com deficiência, bem como os conceitos de afetividade e emoção desenvolvidos por Wallon (1995, 1989) que, assim como Vygotsky, tão bem evidencia o caráter social do desenvolvimento, e defende o entrelaçamento entre a afetividade e o desenvolvimento da cognição humana. Tudo isto é de fundamental valor para que o educador de fato realize sua prática pedagógica com qualidade e sucesso (Almeida, 1999).

Para o educador que pretende contribuir com a educação do novo século e quer construir uma sociedade inclusiva, com escolas de qualidade para todas as crianças, incluindo as com síndrome de Down, o que podemos indicar é muito estudo e, sobretudo muito estudo **aliado** à prática pedagógica. Ensinar e aprender são vivências de um processo. Só ensina quem aprende, ou seja, aprender é algo que se realiza em um universo complexo, porque complexo é tanto o seu objetivo como seu processo. É por esse motivo que a aprendizagem é um fenômeno enraizado em múltiplos aspectos. O aprender está encravado nas situações que nos circundam, porque somos seres no e do espaço, no e do tempo. Não sabemos e não podemos abstrair-nos das circunstâncias do onde e do quando. Tudo o que aprendemos tem referência com lugares e tempos sociais.

Na origem de toda a conquista está não só o conhecimento, que só vem em função das

necessidades da vida, mas a experiência, o exercício e o trabalho.

Entendemos e compartilhamos com a tese de que a tarefa primordial do educador é seduzir o seu aluno para que ele deseje, e, desejando, aprenda.

Parece-nos que nessas poucas linhas fica claro que a sociedade inclusiva deve e está sendo construída sobre novas bases de relações interpessoais, mais humanas, e fundamentalmente mais justas, onde o respeito mútuo e a cooperação no interior da diversidade são fundamentais.

Bibliografia

- ALMEIDA, Ana Rita S. *A Emoção na Sala de Aula*. Campinas: Papyrus, 1999.
- ANGOTTI, Maristela. *O trabalho docente na pré-escola - revisitando teorias, descortinando práticas*. São Paulo: Pioneira Educação, 1994.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERREIRO, Emilia e PALACIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita - Novas perspectivas*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- GROSSI, E. Pillar. *Didática do nível pré-silábico*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1993, Vol. II.
- _____. *Didática do nível silábico*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1993, Vol. III.
- _____. *Didática do nível alfabético*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1993, Vol. IV.
- KAMII, Constance. *A criança e o número*. 1.ed. Campinas: Papyrus; Campinas, 1988.
- KAMII, Constance e DEVRIES, Rheta. *Piaget para a educação pré-escolar*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SASTRE, G & MORENO, M. *Temas Transversais em Educação: bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática, 1999.

PERRENOUD, Philippe. *Construir Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999a.

_____. *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SEBER, Maria da Glória. *Psicologia do pré-escolar - uma visão construtivista*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever - perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

VERGNAUD, G. La Théorie des Champs Conceptuels. In: PERRENOUD, Philippe. *Construir Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Fundamentos de defectologia*. Obras Completas. Tomo Cinco. Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1989a.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALLON, H. *As Origens do Pensamento na Criança*. São Paulo: Editora Manole, 1989.

_____. *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edições 70, 1995.